

RESENHA

*Filipe Costa Fontes**

DEYOUNG, K.; GILBERT, G. **Qual a missão da igreja?** São José dos Campos, SP: Fiel, 2012. 357p.

“Se tudo é missão, nada é missão!” Essa frase, destacada na parte superior da última capa, resume bem o livro *Qual a Missão da Igreja?*. Nele, Kevin DeYoung e Greg Gilbert se propõem a estabelecer um diálogo com o movimento missional contemporâneo, que tem procurado ampliar as fronteiras do que tradicionalmente tem sido compreendido como a missão da igreja: proclamação. DeYoung pastoreia a University Reformed Church, em Michigan, é mestre em teologia pelo Gordon-Conwell Theological Seminary e membro do ministério The Gospel Coalition, além de autor de outros livros, alguns deles já traduzidos para o português: *Faça Alguma Coisa, Não Quero um Pastor Bacana e Por Que Amamos a Igreja*. Gilbert é pastor da Third Avenue Baptist Church, em Kentucky, mestre em teologia pelo Southern Theological Seminary e também escreveu um livro já disponível em português: *O Que É o Evangelho*. Os autores são ambos pastores e fazem questão de ressaltar o caráter prático desta obra.

Este não é um livro escrito por e para eruditos bíblicos e teológicos. Lidaremos com muitos textos e interagiremos com muita teologia (e espero que façamos com muita responsabilidade), mas não estamos tentando elaborar uma monografia erudita sobre teologia bíblica de missão. (...) Somos pastores que escrevem para o cristão “normal” e o pastor “comum” e tentamos dar sentido a uma série de questões missiológicas (p. 29).

O livro se divide em três grandes seções. A primeira, cujo título é “Entendendo nossa missão”, é composta de dois capítulos. O primeiro deles tem como objetivo encontrar uma definição de missão. Como o termo “missão” não é estritamente bíblico, embora encontre paralelos no Novo Testamento, a definição proposta pelos autores é encontrada em seu uso popular: missão é “aquela coisa primária que você se propõe a realizar” ou “a tarefa ou propósito específico que uma pessoa ou grupo de pessoas procura realizar”. A conclusão é que missão não é tudo o que fazemos em nome de Cristo, mas a tarefa que recebemos para cumprir (p. 35). O segundo capítulo é uma verificação bíblica da missão da igreja. Sua tese central é que a passagem bíblica da Grande Comissão e seus textos paralelos devem servir de fundamento para a definição da missão da igreja. As razões oferecidas para tanto é que são textos imperativos, encontram-se no Novo Testamento – período de expansão universal do evangelho –, trazem as palavras do próprio Jesus e possuem importância estratégica, visto serem relatos das palavras finais de Jesus aos seus discípulos. A conclusão do segundo capítulo é que “a missão da igreja é ir ao mundo e fazer discípulos, proclamando o evangelho de Jesus Cristo, no poder do Espírito, e reunindo esses discípulos em igrejas, para que eles adorem o Senhor e obedeçam aos seus mandamentos, agora e na eternidade para a glória de Deus, o Pai” (p. 64). Esta parte inicial mostra um ponto forte do trabalho de DeYoung e Gilbert: a busca da centralidade da revelação de Deus na definição da missão da igreja.

* O autor é graduado em teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, licenciado em filosofia pelo Centro Universitário Assunção, mestre em teologia filosófica pelo C. P. Andrew Jumper e em educação, arte e história da cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor assistente do CPAJ na área de teologia e filosofia.

A segunda seção do livro, intitulada “Entendendo nossas categorias”, é composta de seis capítulos. Se na primeira seção os autores trabalham diretamente com a exposição de textos bíblicos, nesta segunda eles trabalham mais teologicamente, procurando localizar a questão da missão da igreja dentro da história da redenção. A tese central desta seção é que a ideia da missão da igreja como composta essencialmente de proclamação e discipulado se encaixa com a grande história da Bíblia, resumida em *Criação, Queda, Redenção e Consumação*. O argumento é que não teríamos dificuldade em admitir que a missão da igreja é essencialmente proclamação e discipulado se considerássemos que a principal tensão da narrativa bíblica gira em torno da questão: “Como podem pessoas terrivelmente rebeldes e pecaminosas viver na presença de um Deus perfeitamente justo e santo?” (p. 117-118) e que o meio desta reconciliação é o perdão recebido em Cristo. Uma interessante consequência destes capítulos é a busca de uma definição teológica mais bíblica de muitos conceitos que geralmente estão presentes em nossa discussão sobre a missão da igreja. De maneira especial, são trabalhados os conceitos de “evangelho”, “reino de Deus” e “justiça social”, provocando algumas perspectivas interessantes. Uma delas, por exemplo, é a percepção de que muitos cristãos falam sobre a ativa participação humana na construção ou edificação do reino, enquanto que os verbos associados ao reino são geralmente passivos (entrar, receber, herdar) (p. 173-177).

Na terceira seção, “Entendendo o que fazemos e por que o fazemos”, DeYoung e Gilbert procuram mostrar que a ênfase no caráter evangelístico da missão da igreja não significa, necessariamente, desconsideração para com a prática das boas obras. O objetivo dos dois últimos capítulos da obra, que compõem essa seção, é identificar “onde e como a prática das boas obras se encaixa na teologia cristã e na vida cristã” (p. 300). Na tentativa de fazer isso, dois importantes pressupostos são estabelecidos. Primeiro, que não devemos confundir a missão cristã com a missão da igreja. “Definir a missão da igreja institucional não é tão simples como identificar todos os mandamentos bíblicos dados aos cristãos” (p. 313). Em segundo lugar, devemos fugir da tendência de nossa geração de pensar sobre motivação apenas em duas categorias: aquilo que é da maior importância e aquilo que não tem importância nenhuma. “Precisamos de uma categoria que esteja entre *da maior importância e de nenhuma importância*” (p. 309). A partir destes pressupostos, o argumento destes dois últimos capítulos é que a prática das boas obras é um dever de todo cristão, mas que ele cumpre por razões outras que não cumprir a missão da igreja. E que tal prática pode e deve estar presente na vida da igreja, mas não deve se tornar o foco, a ênfase, de sua missão. Ou seja, de um lado, os cristãos devem compreender que foram chamados para as boas obras. De outro, devem cuidar para não lançar sobre a igreja uma responsabilidade maior do que aquela que foi dada por Jesus Cristo, provocando uma situação desnecessária de frustração e culpa. Em resumo, poderíamos dizer que o clamor final destes capítulos é que a principal coisa seja mantida como a principal.

O livro termina com um epílogo de cunho prático. Trata-se de um texto narrativo com dois personagens fictícios em diálogo: um pastor mais velho e um jovem pastor. Este foi um agradável artifício encontrado pelos dois autores para oferecer conselhos práticos a alguém que está empolgado com um determinado modelo eclesial e, aparentemente, apegado a ele como o caminho para o sucesso ministerial. DeYoung e Gilbert, neste texto final, apresentam princípios muito práticos que ajudam a frear aquele ímpeto quase inconsequente próprio da juventude, mas que também se apropria de homens mais experientes quando estes são colocados diante de uma proposta que parece messiânica.

Qual a Missão da Igreja? é um livro importante para quem deseja se envolver com as discussões mais recentes sobre o assunto. Kevin DeYoung e Greg Gilbert fazem uma avaliação bíblico-teológica muito responsável do tema. Contudo creio que cabe um alerta. Tendo sido escrito no contexto norte-americano, o livro parece considerar um contexto avançado de secularização. Isto é, uma realidade em que cristãos se envolveram pouco criteriosamente com a cultura. Por consequência, sua ênfase recai na recuperação do conteúdo do evangelho, e não na aplicação abrangente dele. Um livro com o mesmo tema, escrito para o público brasileiro, talvez tivesse que lidar com esse desafio: mostrar como o evangelho se aplica à vida de modo abrangente e o que a igreja deve fazer diante dessa compreensão. Pois, na igreja brasileira, o extremo da secularização ainda convive intensamente com o extremo da alienação, isto é, do afastamento dos cristãos e da igreja da vida cultural. Esta ênfase pode levar um leitor brasileiro a ver traços de alienação em *Qual a Missão da Igreja?*. Minha impressão, no entanto, é de que se trata de uma questão de ênfase perfeitamente compreensível e explicável à luz do contexto cultural, e levar isso em conta poderá ajustar o foco de quem decidir ler a obra.